



“BOM DIA PARA DEFUNTOS” E “GARABOMBO, O INVISÍVEL”: HISTÓRIA E LITERATURA NA OBRA DE MANUEL SCORZA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3671

Ayla Alves Chanche, UEM

Resumo

Busca-se realizar um diálogo entre história e literatura, fazendo uso de dois dos primeiros romances do autor peruano Manuel Scorza (1928, Lima-1982, Madrid): “Bom dia para defuntos” (1970) e “Garabombo, o invisível” (1972). Nestes livros o autor relata a chegada da multinacional Cerro de Pasco Corporation na região serrana peruana, as arbitrariedades que a justiça comete contra os indígenas, a relação dos patrões com seus funcionários e a desapropriação das terras – representações centrais das lutas camponesas que ocorreram nos Andes Centrais do Peru nas décadas de 1950 e 1960. Manuel Scorza foi considerado um porta voz dos indígenas, esquecidos por jornalistas, políticos, e pela história oficial. Um espaço que o autor soube ocupar através da literatura. Os embates sociais sempre existiram no país, mas foram agravados neste período pela modernização e avanço do capitalismo, expresso na forte presença do capital estrangeiro, principalmente estadunidense. O objetivo deste estudo é, partindo de uma narrativa ficcional centrada na questão da posse da terra, analisar a situação histórica dos indígenas, que remontam a um passado pré-colonial, colonial e republicano.

Palavras Chave:

História; Literatura;
Manuel Scorza; Peru.

Este trabalho parte da utilização da literatura ficcional como objeto para o estudo da história. Faremos uso dos dois primeiros livros da Balada de Manuel Scorza, “Bom dia para defuntos” (1970) e “Garabombo, o invisível” (1971), para compreender as lutas camponesas ocorridas no Peru na década de 1950. Os livros analisados tratam, em concordância com os trabalhos de historiadores, de questões sociais cruciais ao Peru contemporâneo, e que giram em torno do problema da terra, com o forte investimento de capital estrangeiro no país e a a usurpação da propriedade indígena.

Até o século XIX as culturas americanas eram vistas como incapazes de criar monumentos artísticos, na verdade o que eles produziam nem poderia ser consideradas arte naquela mentalidade. É na Alemanha, de acordo com Miguel Rojas Mix (2004) que se começa a mudar a visão europeia do índio e passa-se a valorizar seu passado.

É com o romantismo que se cria o gosto pelo exótico incentivando os estudos sobre o mundo indígena. Neste primeiro momento, para Mix, é que temos a manifestação da imagem do “bom selvagem” como predomínio na literatura. Eles buscam o indígena no passado e ignoram o verdadeiro problema do índio.

Esta ignorância não está apenas na literatura, ela também está na legislação do século XIX, que ignora todos os princípios básicos da antropologia, como por exemplo dar aos indígenas igualdade políticos e civis.

A discussão em torno do problema do índio ocorreu na América Latina na segunda metade do século XIX. No México o que deu forças para esta questão foi o governo de Porfirio Diaz e a Revolução Mexicana (1910-1917); no Peru foi a Guerra do Pacífico (1879-1983); e na Bolívia foi a Guerra del Chaco (1932-1935). Os indigenistas se apresentavam como os defensores dos índios frente ao capitalismo, mas “resulta más bien un instrumento de esa expansion”

(SAINTOUL, 1988, pg.18). Mas quando se chocaram os interesses nacionais com o dos indígenas, estes sempre saíram perdendo.

Ainda segundo Catherine Saintoul, o indigenismo que nasceu no anos 30 na América, era uma política que buscava resolver os problemas dos indígenas tentando inteira-los a sociedade. O movimento se baseia na palavra “integração”.

Mix destaca que os indigenistas passam a defender que é através da revolução que o indígena será o protagonista de sua própria história. A solução para o problema do índio passa a ser a reforma agrária e a educação. O problema do índio se torna diretamente o problema da terra.

Da mesma forma que temos a presença do indigenismo na política, ele se manifesta na literatura. Ainda segundo Saintoul, a intenção teórica do indigenismo é ser uma literatura comprometida, mas na realidade esse compromisso é ilusório, já que para se comprometer com um povo se deveria escutar o que eles tem a dizer. Assim, o indigenismo serviu para colocar em pauta o tema indígena, logrando converter o índio em objeto de preocupação e discussão.

Mientras el indio siga siendo un mero objeto de la literatura o de la acción indigenista, mientras se hable por él, su inferioridad social, su minoridad e incapacidad estarán sobreentendidas en el discurso. Sólo al romper el silencio, al hablar por sí, al pronunciar su palabra y develar su auténtico lenguaje comenzara a cambiar la situación (SAINTOUL, 1988 pg.58).

Manuel Scorza é considerada por Dorian Espezúa Salmón como neoindigenismo, isto porque não apresenta o mundo andino isolado, mas sim integrado a nação, ele se preocupa com as reivindicações políticas dos camponeses:

Scorza no está preocupado por asumir una voz que no le corresponde dado que el no relata los acontecimientos desde el punto de vista de los protagonistas indígenas; no le interesa hablar por los indios, hablar de los indios ni como los indios, es más casi no utiliza el término indio. El indio para Scorza es el campesino que se define por su pertenencia a un sector social, a ciertos tipos de ocupaciones y un espacio geográfico. Scorza no se mete con el problema racial, cultural o lingüístico y no se preocupa por que su visión sea más cercana o más lejana a la cosmovisión indígena. En eso es honesto puesto que escribe desde la ciudad letrada en castellano para que lo lean los alfabetizados e instruidos para que tomen conciencia de la situación real del país (MACEDO; SOLO, 2008, pg.59-60).

A discussão existente entorno do que Manuel Scorza seria é numerosa, se dividindo entre se ele era um indigenista ou um neoindigenista, mas o próprio Scorza não gostava de se intitular conceitualmente de nenhuma das duas formas. E não buscamos realizar esta discussão neste momento também.

Manuel Scorza nasceu em Lima, 1928, e passou sua infância em Huancavelica onde teve contato com os povos indígenas. Quando já escrevendo poesia, se tornou membro do Movimento Comunal do Peru, nos anos 1960. Foi nesse período que iniciou também a escrita de suas novelas, pois queria “romper o silêncio sobre as lutas indígenas nos Andes Centrais” (BEHRENS, 2014, pg. 01). Assim surgiu “A Guerra silenciosa”, um conjunto de cinco obras tratando do tema, publicadas entre 1970 e 1979.

Nosso autor enquanto estudava no Colégio Militar Leoncio Prado, em Lima, começou a participar da política e ingressou em uma célula clandestina do APRA, partido criado por Haya de la

Torre. Aos 18 anos entrou na Universidad Nacional de San Marcos em Lima.

Durante seu período universitário ele continuou participando do APRA, para a época já na legalidade. Mas o então presidente do país, Bustamante Rivero, que era aprista, sofreu um golpe em 1948 do general Odría, que se manteve no poder até 1956.

Após o golpe, na universidade, Scorza teria, de acordo com Dunia Miravet (2003), organizado grupos de resistência e por isto foi preso por nove meses. Depois disto ele foge do Peru e acaba se instalando no México.

Anos mais tarde Scorza reconheceu sua uma visão ingênua do APRA, ao esperar que eles fizessem à época uma revolução.

Em 1956, após a queda do general Odría, eleições foram convocadas no Peru, e Manuel Prado foi eleito. No mesmo ano Scorza ganhou o Prêmio Nacional de Poesia, o que abriu as portas para voltar ao seu país, onde permaneceu por 11 anos.

Quando regressou ao Peru passou a trabalhar no campo editorial, criando os *Populibros*. A atividade empresarial e cultural consistiu em publicar e vender nas ruas e em quiosques destinados a tal fim, tanto nas grandes como pequenas cidades peruanas, os maiores títulos da literatura continental. Segundo Pérez (2015), o aproveitamento dos novos recursos de impressão como o offset, as grandes tiragens — possibilitadas por uma bem articulada campanha de publicidade — permite preços muito acessíveis.

Com o governo de Prado o país passou por grandes mudanças, fruto de um crescimento econômico, que intensificou os conflitos sociais, com um intenso ciclo de levantamentos e mobilizações de camponeses entre 1956 e 1964 em distintas zonas do país, que reivindicavam a propriedade da terra. Neste período surgiram as organizações

sindicais agrarias, que tiveram força especialmente em Cuzco.

Un conflicto provocado por la multinacional minera más importante del Perú, la Cerro de Pasco Co., sirvió de detonante para que en 1959 la movilización social en el campo y el movimiento de toma de tierras se transmitiera a la región de los Andes Centrales, en los departamentos de Pasco y Junín, no muy lejanos de Lima y conectados con ésta por ferrocarril. Escasamente articulado en los primeros momentos, entre 1960 y 1961 el movimiento fue tomando forma, definiendo a sus líderes y articulando estrategias homogéneas y, hasta cierto punto, coordinadas con grupos políticos de base no agraria (MIRAVET, 2003, pg.31).

Foi em 1958, segundo Miravert, que se iniciaram as violações das propriedades campestinas, que durou até 1962, por parte da Cerro de Pasco. O presidente Prado respondeu à resistência indígena enviando o exército: “Ésta fue la batalla más sangrienta entre la autoridad y los campesinos desde el comienzo de las invasiones en Cerro de Pasco, y una de las más dramáticas de la reciente historia del Perú” (MIRAVET, 2003, pg.32).

Entre 1963 e 1964 Scoza foi até a região do Cerro de Pasco exclusivamente para recolher qualquer informação sobre a questão campestina e sua mobilização. Em 1970 iniciou o ciclo da Guerra Silenciosa (*Roodoble por Rancas*, 1970; *Historia de Garabombo, el Invisible*, 1972; *El jinete insomne*, 1977; *El cantar de Agapito Robles*, 1977; e *La tumba del relámpago*, 1979), novelas que o tornaram internacionalmente reconhecido.

A pentalogía leva o leitor a caminhar “a lo largo de la ficção abriéndose passo ante la denodada reivindicacion del ámbito campestino de los Andes centrales peruanos y la frontal crítica al aparato y a los sistemas de exploracion colectiva” (MACEDO, 2008, pg.06).

Segundo Behrens (2014), Scorza vê a dificuldade em se compreender as lutas nos Andes Centrais ao fato dos historiadores não abordarem o tema. Portanto para Scorza, a literatura deve cumprir esta função social de denúncia.

Mas um pesado silêncio também recaiu sobre a obra e a figura de Scorza, principalmente no Peru, com as maiores informações disponíveis sobre ele sendo encontradas em entrevistas ou notas nas próprias novelas.

A obra de Scorza é uma apresentação da história peruano e um convite para transformá-la, portanto possui sentido revolucionário. Na opinião de Behrens, Scorza se sentia parte do processo que ocorria nos Andes.

Para Braga, os romances de Scorza foram escritos com o objetivo de quebrar o mutismo que paira a causa indígena no Peru.

Para compor sua narrativa ele se apropria da notícia, manchetes e de artigos jornalísticos, o que aumenta a verossimilhança e contribui para que o leitor se identifique com as lutas dos protagonistas em prol de um mundo mais justo (BRAGA, 2012 pg.86).

Scorza usa de pesquisas, entrevistas ou sua própria experiência para escrever a Pentalogía, também faz uso da imaginação para recriar esta história, mesclando o real e o imaginário.

Segundo João Batista Cardoso as obras literárias na América Latina procuram, de modo geral, preencher os vazios da história, denunciando as condições de vida subumanas. A maioria das obras literárias do continente buscam apresentar a luta do homem pela libertação, a luta do homem dominado com o dominante.

A participação da literatura nas discussões acerca dos destinos do povo latino-americano vem desde o século XIX, quando as palavras literárias transcendem os limites da

fantasia e da invenção e passam a conjugar o elemento imagético a um referente identificável na realidade concreta (CARDOSO, 2009, pg. 22).

Recorrer a literatura como documento “possibilita-nos acessar um imaginário social, (...) colhendo informações, muitas vezes, não encontradas em outras fontes ou perdidas por tantas” (BORGES, 2010, pg. 106). Assim a literatura se torna um aporte especial para a história cultural de uma sociedade.

A intenção do uso da ficção literária como documento não é, de acordo com Weinhardt, coloca-la como concorrente da história “mas sim de observar como e em que medida a convergência dos estudos históricos e literários pôde contribuir para revelar e desvelar mecanismos de criação artística” (WEINHARDT, 2011, pg. 17).

Para a realização deste trabalho foram analisados os dois primeiros livros da Guerra Silenciosa: Bom dia para defuntos e Garabombo, o invisível.

Na primeira obra, “Bom dia para defuntos”, o “herói” de uma das narrativas ali presentes é Héctor Chacón, sendo seu antagonista o Juiz Montenegro. Héctor que conhece as atrocidades que o Juiz fez, inclusive presenciou seu pai sendo humilhado por ele, tem sede de vingança/justiça. A outra história presente no livro é sobre a Cerro de Pasco Corporation e as agressões que esta mineradora estadunidense comete contra os indígenas. Nesta outra narrativa o “herói” é Fortunato que enfrenta a companhia, que se manifesta com o avanço do cercamento das terras.

Já no segundo livro “Garabombo, o invisível”, o protagonista é Fermín Espinoza, que tem o poder de ficar invisível diante daqueles que não possuem vínculo com os indígenas. “A condição de Garabombo pode ser percebida como um símbolo da

invisibilidade histórica dos problemas indígenas no Peru, principalmente no tocante à questão agrária” (BRAGA, 2012, pg. 74).

Em que dia nasceu? Numa segunda ou numa terça-feira? Fortunato não assistiu o nascimento. Nem o Procurador Rivera, nem as autoridades, nem os homens que se retardaram nas pastagens viram o trem. A saída do colégio, os meninos encontraram os vagões adormecidos no apeadouro [...] Desembarcaram rolos de arames. Terminaram a uma, almoçaram e começaram a cavar buracos. A cada dez metros enterravam um poste.

Assim nasceu a Cerca (Scorza, 1984, pg. 27-28).

A Cerro de Pasco Corporation é introduzida na história como “A Cerca”. É através dela e de seu espantoso crescimentos que Scorza vai apresentando sua influência na vida da população de toda a região.

Os Estados Unidos foram o país com maior presença na economia peruana, como importador de petróleo e metais, como credor, exportador e investidor. E um exemplo desta realidade, que se relaciona a história relata por Manuel Scorza é esta mineradora:

A Cerro de Pasco Corporation, formada a partir da compra de jazidas de cobre na região da serra central por um norte americano, Willian Van Slooten, foi a mais significativa expressão desta tendência. Em menos de dois meses, ele adquiriu 80% das minas na região (SOARES, COLOMBO, pg. 51).

Esta empresa foi formada em Nova York por algumas das grandes fortunas norte-americanas. Em poucos anos, ainda em fins do século XIX, esta companhia praticamente controlava a economia da região onde atuava, e com influência nacional.

Para a população camponesa da serra central, a presença da Cerro de Pasco, teve efeitos drásticos. Muitos camponeses perderam suas terras para a companhia, passando a trabalhar para ela em condições desumanas. Além disto, os processos de fundição dos minérios envenenaram rios e pastos, comprometendo a subsistência dos índios (SOARES, COLOMBO, pg.52).

A empresa foi tomando a terra da população, deixando-os sem área para o cultivo ou pastagem. O autor relata que viagens que demoravam horas passam a durar dias, pois a Cerca corre por toda a região:

Assim nasceu esta cadela, num dia chuvoso, as sete da manhã. As seis da tarde já tinha idade de cinco quilometro. [...] No terceiro dia, a Cerca cumpriu outros cinco quilômetros. No quarto atravessou as lavagens de ouro. [...]

No quinto dia a Cerca derrotou os pássaros (Scorza,1984, pg. 55).

Na primeira Balada Scorza demonstra como a Companhia teve efeito na região:

Ninguém podia imagina-lo em 1900. A Companhia, que pagava salários delirantes de dois sóis, foi acolhida com alegria. Uma multidão de mendigos, de desertores das fazendas, de ladrões de gado arrependidos, ferveu em Cerro de Pasco. Somente depois de meses é que se notou que a fumaça da fundição assassinava os pássaros (Scorza, 1984, pg.92).

De acordo com Julio Cotler (2006), um relatório oficial do Departamento de Comercial dos Estados Unidos em 1930 conclui que os lucros da mineração do Peru não eram investidos no país, mas no exterior, mas especificamente nos Estados Unidos.

A esta permanente exploração e fuga de capitais, Scorza narra a resistência

e união da população indígena na luta contra a expansão da “Cerca”.

No segundo livro Manuel Scorza relata outro tipo de luta ocorrida na região. Agora o embate da populações indígenas não era mais contra a Companhia, e sim contra os grandes fazendeiros, que tiraram suas terras, e os colocam para trabalhar em condições desumanas:

Nós representamos os colonos da Fazenda Chinche, da província de Yanahuanca, doutor. O dono quer expulsar todas as bocas inúteis. Este ano ele não distribuiu terras aos velhos, ás mulheres e aos rebeldes. Sofremos uma tirania muito dura. Vivemos correndo atrás de vacas, dos cavalos e dos animais sem outro salario a não ser pancada. Queremos apresentar queixa! (Scorza, 1975, pg. 68).

As lutas camponesas no Andes peruanos, nos séculos XIX e XX, remetem a uma tradição de tenaz resistência à desestruturação da organização comunal e do universo cultural indígena. E a partir dos anos cinquenta:

Observou-se na região da Serra uma crescente movimentação das comunidades indígenas com o objetivo de recuperar as terras usurpadas pelos latifúndios, assim como de camponeses, para modificar suas relações com os fazendeiros (COTLER, 2006 pg. 237).

É importante observar que as lutas apresentadas nos dois primeiros romances da Balada, apesar de serem protagonizadas por figuras diferentes, são motivadas pela mesma questão: a terra.

Segundo Braga (2012), devido a relação constituída entre o indígena e a terra, tirar o povo de sua terra é condená-lo a morte. O território não tem a ver com propriedade de terra, e sim com o vínculo coletivo, com a identidade do grupo, que se estabelece ali.

De acordo com Miravet (2003), as mobilizações narradas por Scorza são apenas um episódio de uma longa história de exploração e confrontos, podendo ser retomadas até o período de colonização espanhola.

Scorza com sua literatura reafirma a percepção histórica da construção de um Estado marcada pela exclusão da população indígena, e com base em ideologias espúrias. Para a maior parte da elite dominante, índio não tinha, como continuava não tendo lugar na construção da nação.

Referências

- BEHRENS, Ricardo Henrique Borges. Tradição e modernidade na narrativa de Manuel Scorza: notas introdutórias. IN: **Anais do XI Encontro Internacional de ANPHLAC**, Niterói- Rio de Janeiro, 2014.
- BORGES, Valdeci Rezendi. História e Literatura: Algumas Considerações. In: **Revista de Teoria da História**. Goiânia, Ano 1, Número 3, junho 2011.
- BRAGA, Elda Firmo. **Literatura e Ecologia: A pentalogia La guerra silenciosa de Manuel Scorza**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2012.
- CARDOSO, João Batista. **Um mapa da história sobre o mapa da ficção**. – Goiânia: Ed. da UCG, 2009
- CONTRERAS, Carlos y CUETO, Marcos. **Historia del Perú contemporáneo**. 2.ed. Lima: IEP, 2000.
- COTLER, Julio. **Peru: Classes, Estado e Nação**. Brasília: Funag, 2006.
- MACEDO, Mauro Mamani; SOTO, Juan Gonzáles. **Manuel Scorza: Homenaje y recuerdos**. Lima: Andesbook, 2008.
- MIRAVET, Dunia Gras. **Manuel Scorza: La construcción de un mundo posible**. Lerida: Ed. De la Universidad de Lleida, 2003.
- MIX, Miguel Rojas. Indoamérica. IN: **Los cien nombres de América**. Publicaciones de la Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, 2004, p. 217-324
- PÉREZ, Marcelo Jorge. **A Guerra Silenciosa de Manuel Scorza: Literatura e denúncia**. Recife: UFPE, 2015. (Dissertação).
- SAINTOUL, Catherine. **Racismo, etnocentrismo y literatura: La novela indigenista andina**. Ediciones del Sol S.A – Buenos Aires, 1988.
- SCORZA, Manuel. **Bom dia para defuntos**. 5.ed. Rio de Janeiro: Ed: Civilização Brasileira, 1984.
- SCORZA, Manuel. **Garabombo, o invisível**. São Paulo: Círculos, 1975.
- SOARES, Gabriela Pellegrino e COLOMBO, Sylvia. **Reforma Liberal e Lutas Camponesas na América Latina**. São Paulo: USP, 1999.
- SOARES, Gabriela Pellegrino. **Projetos políticos de modernização e reforma no Peru: 1950-1975** – São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000.
- WEINHARDT, Marilene (Org.). **Ficção Histórica: teoria e crítica**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011.